



Jards Macalé



Hermeto Pascoal



Nana Caymmi



Luedji Luna



Chico Chico



Jonathan Ferr



Arlindo Cruz



Josiel Konrad



Duquesa



Juliana Linhares

tradicional com a estética visual e o alcance do pop global. O maior expoente desse movimento foi Jão e sua “Superturnê” que lotou estádios com uma produção que remete aos grandes shows internacionais, Jão provou que é possível manter a essência da canção popular num espetáculo de entretenimento de alto nível. Paralelamente, o pagode reafirmou sua posição como um dos pilares centrais da música popular. O projeto “Numanice”, de Ludmilla, atingiu patamares inéditos de faturamento, influenciando toda uma nova safra de artistas que buscam no samba e no pagode a sua identidade.

Os festivais em 2025 serviram como os grandes termômetros da indústria. O The Town, em São Paulo, e o Rock in Rio mantiveram espaços generosos para a MPB, promovendo encontros inéditos entre gerações. Além dos gigantes, festivais de médio porte como o Coala Festival e o Festival Novas Frequências focaram na experimentação, trazendo nomes como Silva e Marina Sena, que continuam a expandir as fronteiras do que entendemos por música popular. A vitalidade da cena independente também deve muito à plena execução das leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc 2, que permitiram

que artistas de regiões fora do eixo Rio-São Paulo pudessem gravar seus álbuns e realizar turnês. Vimos uma explosão de talentos vindos do Norte e Nordeste, como a consolidação de Melly, da Bahia, e a ascensão de novas bandas de Belém do Pará, que trouxeram o tecnobrega e a guitarrada para o centro da discussão estética nacional. E nos centros urbanos temos nomes interessantes como Chico, Chico, Dora Morelenbaum, Theo Bial, Juliana Linhares...

A cena instrumental também merece ser lembrada, a começar pela ascensão global de músicos como os pianistas Amaro Freitas e Jonathan Ferr. O violão virtuoso de Yamandu Costa segue como um poderoso embaixador de nossas sonoridades como na turnê em conjunto com o cantor português António Zambujo, que encantou plateias aqui e no exterior.

O vigor da cena instrumental também foi impulsionado por um circuito de festivais pulsante, como o MIMO, o Savassi Festival e o Festival Assad, que abriram espaço para inovações como o jazz-funk periférico do trombonista Josiel Konrad e o virtuosismo melódico do Cristian Sperandir Trio.

A rapper Duquesa elevou o nível do hip-hop nacional com o projeto “Taurus”, apresentando rimas afiadas e uma estética visual poderosa. Essa safra de artistas, que inclui ainda nomes como Ajuliacosta e Bebé que ocupam posições de destaque nas paradas de streaming e lideram um movimento afrofuturista no qual a ancestralidade é celebrada através de produções eletrônicas de vanguarda.

O panteão da música brasileira sofreu golpes duríssimos em 2025, com a partida de figuras emblemáticas. A perda de Hermeto Pascoal, em setembro, aos 89 anos, silenciou o “Bruxo” da música universal, cujo gênio transformava qualquer objeto em som e cuja liberdade criativa servia de norte para instrumentistas de todo o planeta. Pouco depois, em novembro, o Brasil despediu-se de Jards Macalé, aos 82 anos, o eterno “maldito” da MPB que, com sua mistura de deboche, sofisticação e violão cortante, foi um dos maiores arquitetos da vanguarda nacional. Somam-se a eles a partida de Lô Borges, também em novembro, encerrando um capítulo fundamental da harmonia mineira do Clube da Esquina, e a de Arlindo Cruz, cujas rimas perfeitas deixaram legado incontestável no mundo do samba. O falecimento de Nana Caymmi, em maio, retirou de cena a voz mais dramática e densa da canção brasileira, enquanto a morte de Preta Gil, em julho, comoveu o país pela perda de uma artista que simbolizava a alegria e a luta contra todas as formas de preconceito.

Saudosos sim, mas eternos com suas obras. O ecossistema musical vibra mais do que nunca, pois a maior riqueza do Brasil está nas suas vozes.